

PODCAST DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: A APRESENTAÇÃO DE UM PROJETO CONSTRUÍDO A PARTIR DO GÊNERO THREE-MINUTE THESIS®

SCIENTIFIC DISSEMINATION PODCAST: THE PRESENTATION OF A PROJECT BUILT FROM THE THREE-MINUTE THESIS GENRE

Lília Santos Abreu-Tardelli ¹

RESUMO:

Este artigo objetiva, inicialmente, explicitar o processo de construção de um podcast para divulgar e combater a violência contra a mulher a partir de uma demanda da sociedade civil e, em seguida, a partir dos resultados da análise do episódio mais acessado no YouTube, evidenciar as características comuns do episódio com o modelo didático do 3MT (Abreu-Tardelli, 2021a), modelo no qual o podcast se baseou para ser construído. Tanto a análise do podcast quanto o modelo didático do 3MT aqui sintetizado pautaram-se no quadro de análise textual do interacionismo sociodiscursivo (Bronckart, 1999; 2006). Os resultados mostraram o uso da sequência explicativa, a presença de discurso teórico e interativo, assim como a presença de diferentes modalizações e vozes que trazem semelhanças com o 3MT. As diferenças também ocorrem, em parte devido ao fato de o podcast proposto ser editado e, com isso, possuir mais margem de uso de estratégias linguísticas e multimodais. Com isso, defendemos a ideia de que o podcast de divulgação científica pode ser considerado um gênero textual e midiático que pode contribuir para a divulgação científica assim como no estreitamento da relação da sociedade com a universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast. Divulgação científica. 3MT. Violência contra a mulher. Projeto de extensão.

ABSTRACT:

This article aims at explaining the process of creating a podcast to disseminate and combat violence against women based on a demand from civil society and, based on the results of the analysis of the most accessed episode on YouTube, it also aims at highlighting the common characteristics of the episode analyzed with the 3MT didactic model (Abreu-Tardelli, 2021a), the model on which the podcast was created. Both the podcast analysis and the 3MT didactic model synthesized here were based on the textual analysis framework of sociodiscursive interactionism (Bronckart, 1999; 2006). The results showed the use of the explanatory sequence, the presence of theoretical and interactive discourse, and also the presence of different modalizations and voices that bring similarities with the 3MT. Differences also occur, partly due to the fact that the proposed podcast is edited and, therefore, has more scope for using linguistic and multimodal strategies. With this, we defend the idea that the science communication podcast can be considered a textual and media genre that can contribute to scientific communication as well as strengthening the relationship between society and university.

KEYWORDS: Podcast. Scientific dissemination. 3MT. Violence against women. Extension project.

Introdução

Este artigo visa a explicitar o processo de construção de um podcast para divulgar e combater a violência contra a mulher e mostrar os resultados da análise de um dos episódios mais acessados, a fim de contribuir para a defesa da ideia de que *podcast de divulgação científica* vai além de uma mídia ou tecnologia, mas constitui-se enquanto um gênero textual e, portanto, um instrumento para agir na sociedade. Nesse sentido, alinhamo-nos a Villarta-Neder e Ferreira (2020) que apresentam o podcast enquanto um gênero discursivo, mas cujo arquivo de áudio precisa estar hospedado no ambiente digital para ser considerado um podcast.

O trabalho de criação do podcast aqui apresentado foi feito no contexto global de violência contra as mulheres e foi o resultado de uma demanda feita pelo Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de uma cidade do interior do estado de São Paulo, em 2022, devido ao

© Submetido: 22/09/24 – Aceito: 30/10/24 DOI: [10.22478/ufpb.1983-9979.2024v19n2.71529](https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2024v19n2.71529)

¹ Professora assistente doutora na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do

Rio Preto; e-mail: lilia.abreu-tardelli@unesp.br;
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7870-1710>

alto índice de violência contra a mulher no município. Assim, unimos nossa pesquisa em desenvolvimento sobre diferentes gêneros de divulgação científica (Abreu-Tardelli, 2020; 2023), tais como *live* de divulgação científica (Abreu-Tardelli; Cardoso, 2022), o 3MT enquanto gênero textual de divulgação científica (Abreu-Tardelli 2021a; 2021b; Cardoso, 2024) a trabalho já desenvolvido para a sociedade para divulgar conhecimento científico sobre a covid-19 (Abreu-Tardelli; Oliveira, 2024), a fim de criamos o podcast de divulgação científica intitulado “NDV: O Nome Disso é Violência”, que se configurou enquanto um projeto de extensão, ou seja, voltado à comunidade para divulgar ciência e informação sobre violência contra a mulher.

Assim, para atingirmos nosso objetivo, iniciamos com uma síntese de pesquisas sobre podcasts, para defendermos a ideia de que o podcast de divulgação científica pode e deve ser concebido enquanto gênero textual; em seguida, sintetizamos o modelo didático do 3MT² assim como o quadro de análise do interacionismo sociodiscursivo no qual nos pautamos para analisar apresentações em 3MT a fim de modalizá-las; depois, apresentamos o processo de construção do podcast, advindo de uma demanda social, e, por fim, os resultados da análise de um episódio do podcast do projeto desenvolvido para podermos chegar às nossas considerações finais.

2 O podcast de divulgação científica: um gênero textual em construção

Segundo levantamento de estudos já feitos sobre podcasts, vimos que não há um consenso em relação a ele. Encontramos estudos que consideram podcast um gênero (Berto; Greggio, 2021; Villarta-Neder; Ferreira, 2020), outros que classificam podcast como uma mídia (Primo, 2005) e outros ainda que consideram podcast uma ferramenta e/ou tecnologia (Soares; Miranda; Smaniotto, 2018).

Berto e Greggio (2021) em pesquisa sobre o potencial uso do podcast para o ensino da língua inglesa, definem podcast enquanto gênero virtual, que é o nome dado a novas modalidades de gêneros textuais que surgiram a partir do advento da internet, dentro do hipertexto (Heine, 2005). Já Villarta-Neder e Ferreira (2020) definem podcast como gênero discursivo; para chegar a essa classificação, os pesquisadores utilizaram como referência o Círculo de Bakhtin, mas observam que o podcast vai além de sua semiose sonora e verbal oral, já que para ser considerado de fato um podcast, o arquivo de áudio precisa estar hospedado no ambiente digital. Uchôa (2019), em seu trabalho de mestrado, define podcast inicialmente, como recurso de convergência de mídias e conclui introduzindo o gênero “podcasts educacionais”. Segundo Uchôa, podcast educacional é um gênero discursivo estandardizado, por concentrar práticas de linguagem tradicionais de diversas TICs (Tecnologia da Informação e Comunicação), que segundo Rodrigues (2016) podem ser definidas como um conjunto de tecnologias que permitem a comunicação, propagação de informações entre pessoas. Para Soares, Miranda e Smaniotto (2018), os podcasts são entendidos como TICs, quando utilizados para propósitos educacionais, colaborando com a visão de Uchoa (2019). Primo (2005) define podcast como micromídia, isto é uma mídia de nicho, visto que é consumida por um público específico e seletivo.

Em outra direção, alguns autores definem podcast enquanto tecnologia. Lenharo e Cristóvão (2016) definem podcast como tecnologia cujas funções recaem sobre a mediação da situação comunicativa, situações essas que ocorrem por meio dos enunciados relativamente estáveis, os gêneros do discurso (Lenharo; Cristóvão, 2016). Carvalho (2009) corrobora com

² 3MT é a sigla para “Three Minute Thesis” criada e patenteada pela Universidade de Queensland (Austrália) para se referir à competição em que doutorandos apresentam suas pesquisas em três

minutos para um público de outra área do conhecimento em uma linguagem acessível para não especialistas. Esse gênero será discutido na seção 3 deste artigo.

essa definição, ao afirmar que o podcast é uma ferramenta advinda do sistema de conhecimento em rede, característica secular que demanda e fornece novas configurações de interação e contribuição entre as atividades sociais mediadas pelas TICs.

Nossa pesquisa sobre podcast foi iniciada em contexto pandêmico causado pelo corona vírus e pela covid-19 e, nesse contexto sócio-histórico, um grande número de cientistas estavam sendo consultados e entrevistados não só para falar sobre o vírus, mas também para falar da economia, de relações pessoais e de saúde mental e outros temas que o isolamento social e a pandemia trouxeram à tona. Esse contexto contribuiu ainda mais para que uma comunicação científica eficiente passasse a ser esperada e algumas ferramentas digitais existentes, como o podcast, passassem a ser utilizadas também para esse fim. Em artigo publicado (Abreu-Tardelli; Cardoso, 2022) analisamos *lives* (transmissões ao vivo) de divulgação científica e mostramos como elas se caracterizam enquanto um gênero textual e passamos a denominá-la de “apresentação oral em *live* de divulgação científica” ou simplesmente em sua forma mais curta, utilizando a própria forma de transmissão como denominação do gênero: *live* de divulgação científica. Visávamos também compreender podcasts de divulgação científica³, e, para isso, selecionamos 40 podcasts de divulgação científica a partir de dois objetivos: (i) abranger a maior variedade de formatos, isto é, a forma como o conteúdo é apresentado, tanto em relação às características linguísticas quanto em relação a seus aspectos multimodais, e (ii) incluir podcasts buscando ativamente abarcar a maior diversidade de áreas do conhecimento possível. Após a seleção e a escuta dos podcasts selecionados, eles foram classificados numa planilha que adaptamos a partir da taxonomia apresentada por Carvalho (2009) e Figueira e Bevilaqua (2022) segundo as categorias (i) formato, (ii) tipo, (iii), autor e (iv) duração. Essa classificação será aqui apresentada, pois nos ajudou a pensar no formato que o nosso podcast NDV tomaria.

A primeira dessas categorias, o formato, diz respeito a como o podcast é estruturado, ou seja, como ele se apresenta ao ouvinte podendo ser em diferentes formatos (Figueira; Bevilaqua, 2022): forma de (i) bate Papo (Mesa-Cast), (ii) storytelling: em que o ouvinte vai escutar (ou contar) uma história, (iii) educacional: trechos de aulas, complementos, cursos inteiros ou palestras distribuídas por meio de podcast, (iv) entrevista: formato de pergunta e resposta na voz do especialista sobre o tema tratado no episódio; (v) informativo: produção com linguagem direta e objetiva para informar o ouvinte sobre determinado assunto, (vi) mesa redonda: um único host apresenta três ou mais convidados para discutir um tópico, (vii) podcast solo ou monólogo: basicamente o emissor e o receptor conversando, compartilhando seus pensamentos sobre qualquer tópico do podcast; (viii) programas de rádio: trechos de programas de rádio distribuídos como podcast ou podcasts que se assemelham a programas de rádio.

A segunda categoria, o tipo, diz respeito a como o podcast é disponibilizado para o público, podendo ser, segundo Carvalho (2009), em (i) áudio: podcast produzido somente em áudio, (ii) screencast: podcast com captação do ecrã (tela) com locução; (iii) vodcast ou videocast: podcast em vídeo.

O autor, a terceira categoria utilizada para classificar os podcasts, diz respeito ao papel social do autor do podcast, podendo ser: (i) professor: o apresentador atua como professor universitário; (ii) alunos: os apresentadores são alunos de uma universidade; (iii) jornalista: os apresentadores são jornalistas especializados em divulgação científica; (iv) pesquisador: podcast apresentado pelos realizadores da pesquisa divulgada; (v) especialista: podcast apresentado por alguém formado na área de conhecimento abordada; (vi) entusiasta: podcast apresentado por um leigo com interesse no tema abordado.

³ Iniciação Científica PIBIC-CNPq realizada por DOMENE (2023)

Em relação à duração, ou seja, ao tempo que dura o podcast, quarta e última categoria, pode ser (i) curto: podcasts com duração de 1 a 15 minutos; (ii) moderado: podcasts com duração de 15 até 45 minutos ou (iii) longo: podcasts com duração acima de 45 minutos.

Essa taxonomia, aliada aos estudos sendo feitos sobre o 3MT e às demais reflexões que foram surgindo ao longo do planejamento (discutido na seção 4 deste artigo) nos ajudou a definir o formato do NDV: um podcast em áudio (para poder ser veiculado nas rádios também), feito por alunos que assumem o papel de especialistas e “locutores do podcast” e em formato curto (entre 4 a 10 minutos). Em relação ao formato, nenhuma das categorias isoladas (bate-papo, *storytelling*, educacional, entrevista, informativo, mesa redonda, monólogo ou programas de rádio) pareceu ser suficiente e a modelização do 3MT já feita (Abreu-tardelli, 2021a) nos ajudou a criarmos nosso próprio formato de podcast, que mescla alguns apresentados pela taxonomia aqui apresentada e que discutimos nos tópicos seguintes.

3 O roteiro do podcast de divulgação científica: do quadro teórico ao 3MT

Nesta seção, apresentamos o quadro teórico-metodológico do interacionismo sociodiscursivo (ISD) utilizado para a análise do episódio de podcast que apresentamos neste artigo. Para Bronckart (1999; 2006), o texto é um produto empírico da ação de um agente singular sobre um contexto situado no mundo ordinário e sociossubjetivo, denominado contexto de produção, ou seja, a situação de interação em que o agente pensa se encontrar para que possa organizar sua produção textual a partir de um gênero textual. Os parâmetros do contexto físico são o lugar de produção, o momento de produção, o produtor ou locutor que produz o texto oral ou escrito, e o receptor. Os parâmetros do contexto sócio-subjetivo são o lugar social (escola, família, mídia, etc.), a posição social do locutor (professor, pai, cliente, etc.), a posição social do receptor (aluno, filho, colega, etc.), o objetivo da interação (efeitos que o texto pode produzir no destinatário). Temos também o conteúdo temático, que é o conjunto de informações apresentadas no texto, como parte das condições de produção. Também fazem parte das condições de produção do texto, o empréstimo ao intertexto, constituído pelo conjunto de gêneros textuais disponíveis num dado grupo social, os gêneros textuais, ou seja, o inventário de modelos textuais que expressam valores de uso e de pertinência em uma dada situação de comunicação e a escolha de um gênero textual, ou seja, o confronto entre os valores atribuídos pelo enunciador aos parâmetros de sua situação de ação e os valores de uso atribuídos aos gêneros disponíveis no intertexto.

O texto é, assim, compreendido pelo autor como uma trama complexa denominada de arquitetura textual, que pode ser decomposta em três camadas superpostas: (i) a infraestrutura geral do texto que comporta os tipos de discurso e os tipos de sequência, (ii) a coerência temática, que compreende a coesão verbal, a coesão nominal e a conexão e (iii) e a coerência pragmática que envolve a gestão das diversas vozes que podem ser mobilizadas e das modalizações, que são expedientes linguísticos que servem às avaliações do locutor delimitadas nas dimensões dos valores sociais, valores morais, valores epistêmicos, etc.

Segundo o autor, os tipos de discurso, pertencentes à infraestrutura geral do texto, correspondem às estratégias empregadas por um locutor na interação para traduzir os mundos discursivos em tipos linguísticos que possibilitarão a compreensão por seu interlocutor. As coordenadas tempo e espaço desses mundos, para o autor, podem se impor nos mesmos termos das mesmas coordenadas do mundo ordinário onde se desenvolve a ação de linguagem; elas podem também se expressar de forma distanciada, enquanto parâmetros conjuntos ou disjuntos que entram na construção da textualização. Já as instâncias agentivas responsáveis pelas ações tematizadas nos textos apresentam-se como pertencentes ou não pertencentes ao mundo ordinário da interação, e, por isso, uma outra oposição binária se estabelece entre agentes

autônomos ou implicados na ação de linguagem. Os tipos de discurso também incidem sobre as determinações das ações de linguagem destinadas a comentar o mundo atual ou a narrar o mundo passado, sendo que, no primeiro há o distanciamento do locutor em relação ao que enuncia, e, no segundo, sua proximidade. Já em relação à proximidade ou ao distanciamento do locutor em relação aos conteúdos temáticos expostos leva a mundos discursivos do EXPOR e do NARRAR. Assim, os tipos discursivos se dividem em: interativo (ordem do expor, ou seja, conjunto às coordenadas gerais dos mundos discursivos e implicado ao ato de produção), teórico (ordem do expor autônomo em relação ao ato de produção), relato interativo (ordem do narrar, ou seja, disjunto das coordenadas dos mundos discursivos e implicado em relação ao ato de produção) e narração (disjunto e autônomo).

O próximo item da infraestrutura é o das sequências, formas relativamente estabilizadas de planificação dos textos e que podem ser classificadas como: narrativa (com as fases de situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final, avaliação e moral), descritiva (fases de ancoragem, aspectualização e relacionamento), argumentativa (fases de premissas, argumentos, contra-argumentos e conclusão ou nova tese), explicativa (fases de constatação inicial, problematização, resolução, conclusão-avaliação), dialogal (fases de abertura, transação e encerramento) e injuntiva (fases caracterizadas pelas operações da sequência descritiva com presença de verbos no imperativo e ausência de estrutura hierárquica). As fases de cada sequência contribuem para a realização de operações de linguagem distintas, que correspondem a criar uma tensão (na sequência narrativa), fazer ver (na sequência descritiva), convencer (na argumentativa), resolver um problema, de natureza interpretativo-conceitual (na explicativa), regular a interação entre os interlocutores (na dialogal) e fazer agir de um determinado modo (na injuntiva).

Em relação à coerência pragmática, que envolve a gestão das diversas vozes que podem ser mobilizadas no texto, Bronckart (1999) as diferencia entre as vozes sociais, a voz do autor e as vozes das personagens; já as modalizações, que são expedientes linguísticos que servem às avaliações do locutor delimitadas nas dimensões de diferentes valores, são divididas em modalizações deônticas, lógicas, apreciativas e pragmáticas. As modalizações lógicas são aquelas que avaliam os elementos do conteúdo temático do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados ou possíveis, eventuais, necessários: “é evidente que”, “necessariamente” ou “talvez” são exemplos de unidades linguísticas que exercem a função modalizadora lógica. As deônticas avaliam elementos do conteúdo temático, apresentando os elementos do conteúdo como parte da obrigação social e/ou da conformidade com as normas em uso, sendo comum o uso de termos como “pode”, “deve”, “é preciso que”. As apreciativas avaliam os conteúdos como benéficos, prejudiciais, infelizes, etc., de acordo com o ponto de vista da entidade avaliadora (advérbios como felizmente, infelizmente, por exemplo). Por fim, as modalizações pragmáticas visam explicitar alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição, etc.) que detém a agentividade da ação, atribuindo a ela intenções, razões, ou ainda, capacidades de ação (qualquer tipo de unidade linguística que esteja imputada a outras vozes, que não seja a do autor).

A partir desse modelo de análise de Bronckart, Abreu-Tardelli (2021a) analisou apresentações vencedoras de 3MT a fim de verificar se o 3MT se constituía enquanto gênero textual; após as evidências de elementos linguísticos e multimodais comuns, a autora apresentou um modelo didático desse gênero que consiste na presença dos seguintes elementos: a sequência explicativa, que se inicia com a constatação de um fenômeno incontestável, seguida da problematização, explicação e conclusão-avaliação; a predominância de discurso interativo, possibilitando uma maior aproximação do locutor com o interlocutor, principalmente na fase de constatação inicial e problematização, podendo aparecer também na conclusão; e a presença

de discurso teórico na resolução, quando se apresenta principalmente a metodologia do trabalho. A coerência pragmática, nos textos analisados, se dá pela presença da voz de autoria na apresentação da pesquisa (fase de resolução) e a presença de vozes sociais que trazem possíveis perguntas dos espectadores ouvintes sobre a problemática apresentada. No plano multimodal, a movimentação do olhar e a gesticulação contribuem para o engajamento do público. Já o suporte do slide único (presente em uma das apresentações analisadas) apresenta imagens conhecidas para contextualizar e pode se dividir em duas partes, sendo uma delas a problematização e, a outra, a metodologia para a resolução do problema. A entonação é entusiasmada (pois o objetivo é o de convencer o público da validade e da importância da pesquisa) e pode haver mudança de entonação (ou de posição no placo) nos casos em que o locutor incorpora a voz de alguém para simular uma fala que não é a sua. A presença de humor é outra característica marcante e, no caso de apresentações em que o humor não seria apropriado devido ao conteúdo temático sendo apresentado, pode aparecer na figura usada no slide ou em trocadilhos na fala.

Foi com base nesse modelo que a construção do podcast se pautou, e o objetivo deste artigo é verificar se, a partir da análise de um dos episódios mais ouvidos, isso de fato ocorreu e se houve outras características próprias do podcast. Antes disso, no entanto, vamos apresentar a demanda da produção do podcast e o processo de construção da proposta.

4 O processo de criação do podcast como resposta a uma demanda social

O projeto do NDV foi uma demanda do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher do município de uma cidade do noroeste paulista que, por conhecer o projeto dos vídeos sobre a covid-19 (Abreu-Tardelli; Oliveira, 2024), solicitou-nos que fosse feito a mesma proposta de vídeos em relação à violência contra a mulher, já que os índices de violência no município, na época da demanda, eram um dos mais altos do estado de São Paulo. O mês era março de 2022 e ainda estávamos finalizando o projeto da covid-19 que contou com uma equipe de quatro alunos de Ciências Biológicas de uma universidade estadual pública e com a colaboração de uma professora do curso, sob a coordenação da autora deste artigo. Foram produzidos 22 vídeos (divididos em três séries de vídeos: vídeos produzidos para crianças de 7 a 11 anos, pais e funcionários da escola parceira do projeto, vídeos para crianças menores, de 4 a 6 anos, e vídeos feitos para explicar o processo de produção), que eram trabalhados com os alunos em sala de aula e distribuídos pelas redes de *WhatsApp* de pais e funcionários da escola, trabalho esse gerenciado pela gestão escolar; de nossa parte, da equipe produtora, subíamos os vídeos para o YouTube e⁴ para a conta de Instagram⁵. Ao final desse processo, que durou dez meses, estávamos todos exaustos e a proposta de abraçar um novo projeto só foi aceita após um segundo convite e após a percepção de que havíamos conseguido criar uma demanda vinda da sociedade, e não oferecida pela universidade, como geralmente ocorre: essa foi a grande motivação para aceitarmos e iniciarmos um novo desafio.

O podcast NDV contou com quatro estudantes de licenciatura de Letras da UNESP, que trabalharam voluntariamente durante um ano no projeto (maio de 2022 a maio de 2023). O primeiro passo foi definir o público-alvo do podcast que foi decidido a partir da análise do “Relatório Anual 2019-2022 dos indicadores de violência contra as mulheres” elaborado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (2022). Constatamos que os maiores índices eram de alguns bairros periféricos da cidade e atingia principalmente mulheres entre 20 e 49 anos. Decidimos então que seria esse nosso público-alvo.

⁴ Endereço no YouTube:
<https://www.youtube.com/@ndv-onomedissoviolencia9733>

⁵ Canal no Instagram: @ndvpodcast

O público-alvo nos ajudou a definir o produto. A demanda inicial era para produzirmos vídeos. Os vídeos no projeto anterior foram trabalhados com a escola municipal parceira, e a animação dos vídeos, assim como as imagens, sons e cores ajudavam as crianças, nosso público-alvo maior, a compreender os temas. Avaliamos que não era o caso de fazer vídeos para as mulheres de nosso público-alvo e o podcast foi a opção encontrada, pois podia ser ouvido no trajeto para o trabalho, durante a realização de uma tarefa doméstica ou mesmo durante os intervalos de algum programa específico da rádio, já que a ideia é que conseguíssemos veiculá-los nas rádios da cidade. Mas havia a necessidade de conseguir essa parceria. A saída mais fácil seria a veiculação do podcast na plataforma Spotify, mas, na realidade, sabíamos que muito provavelmente uma parte significativa de nosso público-alvo não teria o hábito de ouvir podcasts nas plataformas e a necessidade da parceria com as rádios locais se fazia cada vez mais necessária.

Dizemos isso porque, ainda que o podcast possa ser compreendido como a "rádio da internet", uma vez que ambos tratam de informações passadas prioritariamente por arquivos de áudio, o podcast se diferencia da rádio por sua natureza de consumo por demanda, ou seja, ao ouvir rádio, o ouvinte tem de se contentar a escutar a programação de uma determinada emissora em horários pré-definidos e com comunicadores escolhidos pela empresa de rádio. Já os podcasts têm características mais atemporais, visto que o ouvinte pode escolher escutar qualquer episódio de um podcast a qualquer momento do seu dia. Há também o fator regional incluso, ou seja, o ouvinte de podcast pode escutar programas feitos em qualquer lugar do mundo, para isso basta que ele domine o idioma falado. Assim, a rádio é uma mídia tradicional que funciona como central irradiadora de conteúdo para uma massa de ouvintes "passivos", já o podcast demanda ouvintes "ativos"⁶ que procuram o conteúdo que desejam consumir (Domene, 2023). Em resumo, o rádio é o que convencionalmente se chama de tecnologia "push", isto é, o conteúdo é "empurrado" até uma audiência e os podcasts são um exemplo da tecnologia "pull", ou seja, o conteúdo é "puxado", ou ativamente buscado, por uma audiência (Primo, 2005).

Conseguir com que fosse veiculado nas rádios⁷ possibilitou que a população-alvo pudesse ser mais amplamente atingida pelo conteúdo informativo, o que permitiu que mais pessoas conhecessem o programa. Isso pode auxiliar a converter esse público para também ouvir os podcasts na internet. Vale destacar que o sucesso em conseguirmos a parceria das rádios se deu também pela parceria estabelecida com outra instituição da sociedade, a Comissão Justiça e Paz⁸, responsável por estabelecer o contato com as rádios da cidade.

O conteúdo informativo também precisava ser definido e isso foi decidido com pesquisas feitas sobre o tema, com a escuta de depoimentos de mulheres que já haviam passado pelo ciclo de violência e com conversas com os membros do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, além da leitura do próprio relatório feito pelo Conselho. Vimos, então, que precisávamos "começar do início", ou seja, explicar os tipos de violências, como pedir ajuda e como denunciar. Alguns dos oito temas⁹ específicos abordados (as diferentes formas de violência contra a mulher, o ciclo de um relacionamento abusivo, a falta de empatia dos órgãos públicos, a violência psicológica, a Lei Maria da Penha, a violência sexual, a importunação sexual, a violência patrimonial) foram definidos no planejamento, mas outros foram sendo

⁶ Aspas nossas.

⁷ O podcast foi veiculado em duas rádios da cidade: na Rádio Interativa FM durante o programa da Boa Nova Interativa, assim como na Rádio Educativa. Os episódios também estão disponíveis nas plataformas YouTube e Spotify.

⁸ As Comissões Justiça e Paz são instituições de Direito Canônico das Dioceses da Igreja Católica destinada à defesa dos Direitos Humanos.

⁹ O primeiro episódio foi a apresentação do problema da violência contra a mulher na cidade. A temporada como um todo, incluindo o podcast introdutório, possui nove episódios.

definidos ao longo do processo, conforme os temas surgiam na mídia no momento da produção ou conforme víamos necessidade. Por exemplo, incomodava-nos muito explicarmos todas as violências e não darmos algum tipo de “saída” para a mulher que pudesse se reconhecer em um ciclo abusivo. O episódio “Ligue 180”, cujo tema é a falta de empatia dos órgãos públicos, surgiu como resposta a essa nossa inquietação, após ouvirmos várias mulheres darem depoimentos relatando que não foram bem acolhidas pelos órgãos públicos quando procuraram ajuda. No entanto, se, por um lado, a crítica à falta de eficiência era necessária, por outro, precisávamos apontar caminhos para que as ouvintes pudessem buscar ajuda, caso necessário, divulgando onde poderiam fazer isso. Um outro exemplo sobre uma temática que foi inserida após o planejamento inicial foi o episódio sobre a importunação sexual, tema incluído após percebermos que a própria mídia desinformava, quando divulgava casos de importunação, ocorridos na época, como sendo de assédio sexual e a falta de conhecimento das pessoas sobre essa diferença.

Também é necessário explicitar que o podcast foi pensado para o contexto cultural brasileiro, ou seja, machista e de desvalorização da mulher e, esse contexto ajudou a delimitar nosso objetivo, pois a mulher criada nesse contexto tem pouco conhecimento sobre o assunto, o que representa um perigo de vida para ela mesma, já que sabemos que a violência contra a mulher não tem classe social, idade, raça, cor ou religião. Conforme as sessões de planejamento foram ocorrendo, fomos definindo o objetivo geral do projeto: causar um impacto na vida das ouvintes para que elas pudessem conhecer e reconhecer as violências e para que, mais conscientes, pudessem não se submeter a elas. E, como objetivos específicos, tínhamos: (i) divulgar conhecimento sobre violência, (ii) produzir material de qualidade que pudesse ser utilizado também para trabalho em roda de conversas com mulheres em comunidades, instituições de acolhimento à mulher, dentre outras, (iii) divulgar depoimentos de mulheres da cidade e região que superaram o ciclo de violência e que, ao falarem sobre eles nos podcasts, pudessem trazer mais proximidade com as ouvintes.

Um outro grande desafio que tínhamos era como divulgar conteúdo científico sobre esse tema de forma que causasse interesse, não fosse desrespeitoso com mulheres que sofreram violência e não provocasse gatilhos ou “a mudança da estação de rádio”. O ouvinte brasileiro de podcasts, segundo a pesquisa de Primo (2005), encomendada pelo grupo Globo (2021) em parceria com o Ibope, revelou que os quatro principais fatores que levam o brasileiro a consumir um podcast, em ordem de importância, são: o interesse pelo assunto, a linguagem informal e simples, a credibilidade de quem o produz e a identificação com os criadores. Assim, o formato do podcast que iríamos produzir parecia um item de fundamental importância, pois o interesse pelo tema era algo que precisávamos provocar com nosso produto, e acreditamos que a identificação do ouvinte poderia ficar por conta dos relatos das mulheres entrevistadas.

Além de incluir relatos de mulheres que conseguiram sair do ciclo de violência, foram utilizadas também três estratégias para amenizar a densidade do tema, sem tirar sua seriedade: a primeira, o tempo curto, entre três e dez minutos para cada episódio; a segunda, as diferentes vozes presentes nos áudios, alternando entre as locutoras, as entrevistadas e as especialistas, trazendo dinamismo para quem escuta; e a terceira, a trilha sonora que, ao mesmo tempo que marca o tom de seriedade do episódio, evita sensacionalismo ou dramaticidade exagerada. Além disso, há alguns efeitos sonoros que são usados para marcar a transição entre segmentos, tais como o efeito sonoro que reproduz a entrada de uma fita cassete. Esse som marca a introdução da fala de alguma convidada e utilizamos também o som de “clique” para mudar o assunto dentro do tema do episódio.

Em relação às vozes distintas que aparecem nos episódios, além de trazer dinamicidade para quem escuta, marca diferentes personagens: a voz de abertura (introduzida após o quarto episódio) objetiva trazer uma sinopse do tema abordado no episódio. Essa decisão foi tomada

após a equipe receber *feedback* em reunião com o professor Joaquim Dolz¹⁰, especialista em gêneros orais, e que sinalizou a importância dessa síntese inicial para ajudar o ouvinte a se situar em relação à temática que iria escutar. Assim, a partir do quarto episódio, passamos a fazer essa síntese inicial que foi narrada por uma aluna diferente da locutora para que o ouvinte percebesse que eram vozes com finalidades diferentes. Um exemplo dessa síntese é o trecho que segue:

“Voz da locutora principal (anunciando o podcast): NDV: O Nome Disso é Violência”

Voz da segunda locutora (anunciando a síntese dos episódios): Você sabe o que é violência psicológica? Neste episódio, vamos falar sobre ela, também conhecida como violência invisível ou silenciosa. E atenção: violência psicológica não é mimimi, violência psicológica é crime”.

Ainda discutindo sobre como chegamos à organização global dos episódios e à sequência principal que iríamos privilegiar, inicialmente, ficamos na dúvida se deveríamos fazer em forma de narrativa, trazendo histórias de mulheres da vida real. Ficamos com muito receio de cairmos em algo desrespeitoso para com as mulheres que passavam pelos ciclos de violência, já que, em uma narrativa feita por uma equipe que se debruçava sobre isso pela primeira vez, poderíamos perder “o tom adequado” das histórias. A ideia então foi de fazermos em formato predominantemente expositivo, seguindo o modelo didático do 3MT (Abreu-Tardelli, 2021a) e, para trazer a veracidade e dinamicidade, traríamos relatos de mulheres que passaram por ciclos de violência, conseguiram sair do ciclo e que se voluntariaram para fazer entrevistas, sentindo-se confortáveis para isso.

Tivemos várias voluntárias que chegavam até nós por amigos e conhecidos que souberam do projeto. A coordenadora e autora deste artigo realizava um primeiro encontro (presencial ou online) com as voluntárias e explicava a proposta do projeto, dizia como seria a entrevista e esclarecia que, caso, após a entrevista, as mulheres quisessem desistir da participação, poderiam fazê-lo. Entrevistamos três mulheres no total e seus nomes e vozes poderiam ser alterados, caso quisessem. As entrevistas também nos deram ideias para os temas que deveríamos abordar nos episódios e, assim, o planejamento inicial também era alterado conforme o próprio relato das entrevistadas nos mostravam as temáticas que deveríamos abordar.

Por fim, vale trazer aqui a discussão sobre como chegamos ao título do podcast: fizemos uma tempestade de ideias e a partir de algumas mais votadas, buscávamos nas mídias digitais para ver se o nome escolhido já não estava sendo usado. Seleccionamos assim, alguns títulos, mas a escolha do “NDV: O Nome Disso é Violência” foi unânime a partir da sonoridade, da síntese e do uso do pronome “disso” com função catafórica, remetendo ao assunto tratado em cada episódio.

5 Resultados da análise de um episódio do podcast NDV

Para exemplificar a proposta, trazemos agora os resultados da análise de um dos episódios. Como critério de seleção, optamos por analisar o episódio mais ouvido no YouTube (359 visualizações até o momento da escrita deste artigo) com o tema: “Diferentes formas de violência contra a mulher”, cujo roteiro segue na íntegra.

¹⁰ O professor esteve como professor visitante em fevereiro de 2023 pelo programa CAPES-PrInt na Unesp em São José do Rio Preto quando se reuniu

com a equipe para discutir o projeto, os roteiros e os episódios já gravados.

Quadro 1- Roteiro do Episódio 1: Diferentes formas de violência contra a mulher

Linha	Texto do roteiro
1	NDV: O Nome Disso é Violência
2	“O começo da relação era... o príncipe, né? Sedutor, encantador, romântico... E foi aos poucos
3	virando uma relação abusiva na parte do psicológico, eram agressões que começaram com o
4	psicológico. E aí que vai pegando você e emaranhando você numa situação que a hora que você vê
5	você já tá lá no fundo, sabe? Porque não começa te batendo. Começa fazendo você desacreditar do
6	seu potencial. Começa a fazer você se achar um lixo de pessoa. Começa fazendo a sua autoestima
7	cair.”
8	Mulheres e todos os ouvintes, sejam bem-vindos a mais um episódio do Nome Disso É Violência. O
9	que você acabou de ouvir foi um relato de Raíssa, mulher que conseguiu sair do ciclo de violência e
10	que estará conosco no futuro episódio. E aí, você já passou por uma situação assim? Ou conhece
11	alguém que passou? Isso não é normal. O nome disso é violência.
12	Maria Aparecida Cury, atual presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São José
13	do Rio Preto, nos explica como a violência contra mulher pode se manifestar de diferentes formas:
14	“A sociedade e as próprias mulheres acham que violência contra mulher é só a física, e não é. Ela é
15	muito mais ampla, e eu costumo dizer que quando a mulher chega a ser agredida fisicamente, ela já
16	passou por muitas outras violências. A violência física não é a primeira, a violência física ela, na
17	verdade, ela é uma consequência. A violência contra mulher ela é escalonada.”
18	Com isso, Cida nos alerta sobre outras formas de violência doméstica que podem evoluir para a
19	violência física. Mas, além das agressões físicas, a violência doméstica contra a mulher pode ser de
20	vários tipos: violência sexual, descaso com bem-estar da mulher e violência psicológica, como, por
21	exemplo, um toque indesejado, uma fala que te deixa desconfortável, um tapa na cara, uma
22	reclamação de dor levada como mimimi... ou seja, ações que provocam danos à dignidade e à
23	autoestima da mulher.
24	“Geralmente ela começa de forma, é, muito muito velada, vamos dizer, né. Então ela começa com
25	um xingar a mulher, um humilhar a mulher, sabe? Fazer aquelas brincadeiras que a gente diz
26	humilhantes. E que tanto ele como ela acham que é normal, né? Criticar a mulher na frente de todo
27	mundo... E isso vai crescendo até que ele parte para agressão física, né. Então aí ele bate, ele chuta,
28	ele tenta estrangular a mulher, ele torce o braço, ele joga coisas, objetos, nela... entendeu? Ele queima
29	ela, ele fura, ele tortura, né? Até que chega num ponto que ele pratica o feminicídio. Ele mata aquela
30	mulher.”
31	Como a Cida explicou, a violência física é uma consequência. A violência contra a mulher começa
32	aos poucos, com xingamentos e comportamentos agressivos que muitas vezes são normalizados por
33	conta da sociedade que a gente tem. Mas vale lembrar que é possível sair do ciclo de violência, e por
34	isso precisamos entender o início dessa situação para evitar essa realidade. Além disso, em São José
35	do Rio Preto, há serviços à disposição da mulher em caso de situação de violência, como Centro de
36	Referência e Atendimento à Mulher, e a Delegacia de Direito da Mulher, dentre outros que serão
37	abordados ao longo do podcast.
38	O podcast é criado por membros do grupo de pesquisa FIP “Formação, Intervenção e Pesquisa” da
39	Unesp e conta com o apoio do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São José do Rio Preto
40	e da Universidade Estadual Paulista.

O contexto sócio-histórico maior em que o roteiro do podcast foi escrito e depois gravado foi um contexto de alto índice de violência contra a mulher no estado de São Paulo e na cidade e o objetivo era alertar mulheres que, muitas vezes vivem em um ciclo de violência sem saber, informando sobre os tipos de violência e sobre como procurar ajuda. Em relação ao contexto de produção, temos como autoria os produtores dos roteiros que incorporaram o papel social institucional não só da universidade, mas também dos apoiadores do projeto, como o Conselho Municipal dos direitos da Mulher e da Comissão Justiça e Paz. Essa função é dita ao final de cada podcast e tem o objetivo de validar para os ouvintes as informações ditas como sendo verdadeiras (linhas 38-40)¹¹: “O podcast é criado por membros do grupo de pesquisa FIP

¹¹ Por algum erro, a gravação dos apoiadores neste episódio não ficou completa. A frase gravada em todos os demais episódios é a seguinte: “O podcast

é criado por membros do grupo de pesquisa FIP “Formação, Intervenção e Pesquisa” da Unesp e conta com o apoio do Conselho Municipal dos

“Formação, Intervenção e Pesquisa” da Unesp e conta com o apoio do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de São José do Rio Preto e da Universidade Estadual Paulista”. As mulheres são as ouvintes previstas, mas pode haver também outros ouvintes interessados e esse público-alvo é definido logo na saudação de abertura (linha 8): “Mulheres e todos os ouvintes, sejam bem-vindos a mais um episódio do Nome Disso É Violência”. O podcast foi publicado no YouTube em 14 de outubro de 2022, logo, sua produção foi um pouco anterior a essa data.

Como plano global, temos os seguintes conteúdos temáticos: (i) título do podcast; (ii) relato de uma mulher sobre a violência sofrida; (iii) cumprimento da locutora aos ouvintes; (iv) retomada do tema relatado pela mulher, indagando ao ouvinte sua familiaridade com o relato, (v) introdução da fala da presidenta do conselho da mulher; (vi) explicação da presidenta do conselho da mulher sobre a existência de outras violências além da física; (vii) retomada da fala da presidenta do conselho pela locutora do podcast, explicando a fala e exemplificando-a; (viii) fala da presidenta do conselho dando outros exemplos de violências; (ix) retomada da fala da presidenta pela locutora; (x) anúncio pela locutora da possibilidade de sair do ciclo de violência e de serviços de atendimento à mulher; e (xi) encerramento do podcast com a nomeação do produtor e dos apoiadores.

A sequência do podcast é a explicativa, sendo que a constatação inicial do problema é feita pela voz de Raíssa, mulher que sofreu violência (linhas 2-7) e depois, pela locutora (9-10). Em seguida, a fase de problematização (linhas 10-11) é apresentada por questionamentos feitos ao ouvinte com a presença do discurso interativo (“E aí, você já passou por uma situação assim? Ou conhece alguém que passou?”) e ao anúncio da não normalidade desse tipo de ação por parte do homem (“Isso não é normal. O nome disso é violência”). A fase de problematização continua com a inserção a voz da especialista (linhas 14-17 e 24-30) e a fase de resolução inicia com a volta da voz da locutora retomando o que a especialista disse (linhas 31-33), apontando caminhos para pedir ajuda (linhas 33-37). A fase de conclusão da sequência explicativa se dá com o anúncio do produtor e apoiadores do podcast (linhas 38-40), já que as diferentes soluções serão trazidas ao longo da temporada (linhas 36-37).

A incorporação de diferentes vozes¹² ao longo da sequência explicativa (voz do autor, representada pela locutora e voz das personagens, como a voz da mulher que sofreu violência e a voz da presidenta do conselho da mulher) contribui para a coerência pragmática do texto, pois as diversas vozes mobilizadas possuem funções distintas: Raíssa, para dar mais veracidade ao tema e Cida, a especialista no assunto, além da voz da própria locutora, que tem a função de retomar o tema do locutor (linhas 9-11), retomar as falas explicando-as novamente aos ouvintes de diferentes formas (18-20; 31-33) ou ainda, exemplificando-as (21-23).

As modalizações também ocupam um papel fundamental no roteiro analisado. O próprio título do podcast é trazido, na linha 12, como uma modalização apreciativa (em itálico):

O que você acabou de ouvir foi um relato de Raíssa, mulher que conseguiu sair do ciclo de violência e que estará conosco no futuro episódio. E aí, você já passou por uma situação assim? Ou conhece alguém que passou? *Isso não é normal. O nome disso é violência.*

Também encontramos modalização apreciativa quando a locutora explica a fala de Cida e acrescenta outras formas de violência sofridas pela mulher (linhas 20-23), qualificando as ações como “ações que provocam *danos* à dignidade e à autoestima da mulher” (linhas 22-23).

Direitos da Mulher de São José do Rio Preto, da Comissão Justiça e Paz da Diocese de São José do Rio Preto e da Universidade Estadual Paulista, UNESP.”

¹² As três cores no roteiro destacam as diferentes vozes incorporadas ao texto.

A modalização lógica é encontrada na voz da locutora, quando anuncia que apesar de tantas violências “é possível sair do ciclo de violência” (linha 33), já na fase de resolução do problema da sequência explicativa. Encontramos modalização deontica (verbo poder) na fase de problematização, quando o conteúdo temático exposto pela presidenta do conselho da mulher revela que as violências sofridas podem evoluir para a violência física, evidenciando as violências em conformidade com as normas em uso (linhas 18-19): “Com isso, Cida nos alerta sobre outras formas de violência doméstica que *podem* evoluir para a violência física”.

A análise aqui apresentada será retomada na próxima seção e comparada ao modelo didático do 3MT, já que nossa hipótese é a de que o 3MT serviu como base para produção os roteiros do podcast.

6 Considerações finais

Procuramos descrever todo o processo de construção de um podcast para divulgar e combater a violência contra a mulher a fim de evidenciar como o planejamento contou com a necessidade do conhecimento de pesquisas já realizadas sobre podcasts, do estudo do tema e da necessidade de abertura frente às demandas que foram surgindo após o planejamento inicial, obrigando-nos a rever o planejamento ao longo de todo o processo produtivo. Com isso, vale destacar que a produção de um podcast demanda um processo muito mais complexo do que aparenta ser.

Partimos de uma modelização do 3MT enquanto gênero, mas, somente após a análise feita neste artigo é que pudemos constatar que, de fato, o modelo didático do 3MT foi norteador para os roteiros. Apesar de termos mostrado aqui os resultados da análise de um único episódio, cremos que já podemos dar uma resposta inicial à nossa pergunta. Vimos que a sequência explicativa, tal como na modelização do 3MT, foi também seguida no podcast e a constatação do fenômeno incontestável na sequência é trazido pela voz não do autor/locutor, mas de uma mulher que sofreu violência, trazendo mais veracidade e tornando o fato ainda mais incontestável. Se temos a sequência explicativa como característica semelhante ao 3MT, a possibilidade de inserir diferentes vozes de personagens (não sendo ditas pelo autor) é uma característica distinta do 3MT, pois, nele, as demais vozes só podem ser compreendidas na heterogeneidade discursiva ou nos diferentes enunciadores, numa perspectiva ducrotiana, pois há apenas um locutor no texto, ou seja, aquele o que enuncia o roteiro do 3MT.

O discurso interativo na fase de problematização também se faz presente no podcast, o que possibilita uma maior proximidade com o ouvinte, assim como a presença de discurso teórico na resolução, quando se apresenta as saídas para o problema. As modalizações também possuem um papel fundamental no podcast, tal qual no 3MT, sendo que no podcast encontramos também a lógica e a deontica, além das apreciativas, que são as predominantes no 3MT. Não há humor no podcast devido à própria temática abordada, outra característica que se difere em relação ao 3MT, por um lado, mas a entonação, por outro lado, tem papel fundamental em ambos os gêneros, sendo que a entonação de ambas as participantes do podcast (a mulher que sofreu violência e a presidenta do Conselho) possuem tons de indignação, contribuindo também para a coerência pragmática do texto. Se no 3MT podemos encontrar trocadilhos na fala com o objetivo de trazer humor, no podcast analisado, encontramos o “trocadilho” com o objetivo de avaliar o conteúdo temático a partir do próprio título do podcast. Assim, percebemos que o 3MT pautou o roteiro do podcast, mas, o fato de o podcast ser veiculado em mídia, editado e não se realizar em forma de exposição no momento da locução (tal como o 3MT) traz outras possibilidades para sua produção textual.

Por fim, vale destacar que o formato de nosso podcast foi um formato por nós criado, não encontrado na taxonomia pesquisada inicialmente. Esse formato de divulgar ciência

possibilitou a edição com recursos variados e contribui para a defesa de que *podcast de divulgação científica* vai além de uma mídia ou tecnologia e constitui-se enquanto um gênero textual e, portanto, um instrumento para agir na sociedade; no nosso caso, em uma proposta de gênero que foi criada a partir de outro gênero de divulgação científica já existente, o 3MT. Acreditamos que análises de outros episódios possam contribuir não só para validar, mas também para adicionar outras características ao modelo de podcast de divulgação científica aqui proposto.

Referências

- ABREU-TARDELLI, L. S. **Gêneros textuais orais (e escritos) para divulgar ciência por diferentes mídias: reflexões teórico-metodológicas**. Projeto de pesquisa. São José do Rio Preto, 2023.
- ABREU-TARDELLI, L. S. **Da ciência para a sociedade: um estudo dos gêneros textuais para a divulgação científica**. Projeto de pesquisa. São José do Rio Preto, 2020.
- ABREU-TARDELLI, L. S.; OLIVEIRA, G. A. Descrição e análise de um projeto interdisciplinar sobre a Covid-19: uma proposta de divulgação científica a partir do gênero 3MT. **Linha D'Água**, v. 37, n. 2, p. 161-183, 2024. Disponível em: <<https://www.periodicos.usp.br/linhadagua/article/view/218337>>. Acesso em: 19 set. 2024.
- ABREU-TARDELLI, L. S.; CARDOSO, F. A apresentação oral em live para a divulgação científica: o modelo didático de um gênero. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 26, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/37923>>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- BERTO, E.de F.; GREGGIO, S. As potencialidades do gênero podcast no desenvolvimento e aprimoramento da habilidade de compreensão oral na aprendizagem de língua inglesa. **Ilha do Desterro**, v. 74, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/79454>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matêncio (org. e trad.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Tradução: Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- CARDOSO, F. O. F. **As dimensões linguísticas e multimodais de apresentações orais em formato de 3MT de licenciandos: um modelo didático para o ensino de Divulgação Científica**. São José do Rio Preto. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2024.
- CARVALHO, A.A.A. Podcast no ensino: contributos para uma taxionomia. **Ozarfaxinars** (E- revista), 8:1-15, 2009. Disponível em: <Universidade do Minho: Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia (uminho.pt)>. Acesso em: 4 mar. 2021.
- “CONFERÊNCIA “**Para além da academia: por que, para quem e como divulgar ciência**”. Conferência por Lília Santos Abreu-Tardelli. Publicado pelo canal “Semana de Letras UNESP/IBILCE”. 27 mai. 2021a. 1 vídeo (1h 30min 27seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rjADLFzHcJE>>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- “CONFERÊNCIA “**A divulgação científica como instrumento de valorização das ciências**”. Conferência por Lília Santos Abreu-Tardelli. Publicado pelo canal

- “UNIPRUDENTE-UNIESP”. 03 nov. 2021b. 1 vídeo (1h 52min 04seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o0cZSJjwY6c&t=1684s>> Acesso em: 10 ago. 2024.
- CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DAS MULHERES. **Indicadores de violência contra as mulheres: relatório anual 2019-2022**. Comissão organizadora: Eliane G. Freitas; Fabíola V. S. Pereira e Sueli Pereira [São José do Rio Preto, SP: Secretaria Municipal de Saúde 2023]:<https://public.tableau.com/app/profile/secretaria.municipal.de.sa.de8655/viz/Violencia/VIOLENCIA>. Acesso em 10 ago. 2024.
- DOMENE, G. M. **Um estudo de podcasts: de ferramenta tecnológica a instrumento para divulgar ciência**. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica. São José do Rio Preto, 2023.
- FIGUEIRA, A. C. P., & BEVILAQUA, D. V. Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. **Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde**, 16(1), 2022.
- GLOBO. **Podcasts e a crescente presença entre os brasileiros**. Fonte: Apresentação Podcasts no Brasil-Pesquisa & Conhecimento – Globo/março de 2021/ IBOPE pra Pesquisa Globo Podcast/Outubro 2020 – Dados com base em brasileiros com idade 16+. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 24 de junho de 2024.
- HEINE, P. Considerações sobre o hipertexto e os gêneros virtuais emergentes no seio da tecnologia digital. In: **Revista Inventário**. 4. ed., jul/2005. Disponível na web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04pheine.htm>. Acesso em 10 ago. 2024.
- LENHARO, R. I.; CRISTOVÃO, V. L. L. Podcast, participação social e desenvolvimento. **Educação em Revista**, v. 32, n. 1, p. 307-335, 2016.
- PRIMO, A. F. T. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting, **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.2, n. 13, p.1-23, jul/dez 2005. <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.
- RODRIGUES, R. **Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação**. Recife: IFPE, 2016. 86 p. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/413/2018/12/arte_tecnologias_informacao_comunicacao.pdf>
- SOARES, A.B.; MIRANDA, P.V.; SMANIOTTO, C.B. **Potencial pedagógico do podcast no ensino superior**, v. 7 n. 1 (2018): **23º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade**, 2018. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1078-Texto%20do%20Artigo-2840-2-10-20181112.pdf>. Acesso em 10 ago. 2024.
- UCHÔA, J. M. S. Revisitando o conceito de podcast educacional como gênero do discurso. **Anthesis**, v. 7, n. 13, p. 83-99, 2019.
- VILLARTA-NEDER, M. A.; FERREIRA, H. M. O podcast como gênero discursivo: oralidade e multissemiose aquém e além da sala de aula. **Letras**, [S. l.], p. 35–56, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/39579>. Acesso em: 30 out. 2022.